

Discurso de António de Oliveira Salazar na Assembleia Nacional (Lisboa, 8 Maio 1945)

Source: Diário das Sessões. 09.05.1945, n° 150 (III Legislatura). Lisboa: Assembleia Nacional. www.parlamento.pt.

Copyright: All rights of reproduction, public communication, adaptation, distribution or dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.

The documents available on this Web site are the exclusive property of their authors or right holders.

Requests for authorisation are to be addressed to the authors or right holders concerned.

Further information may be obtained by referring to the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

URL: http://www.cvce.eu/obj/discurso_de_antonio_de_oliveira_salazar_na_assembleia_nacional_lisboa_8_maio_1945-pt-1319f58f-612c-442b-8821-398ace5263fe.html

Publication date: 05/09/2012

Discurso de Oliveira Salazar na Assembleia Nacional (Lisboa, 8 Maio 1945)

O Sr. **Presidente do Conselho**: — Senhor Presidente e Srs. Deputados:

Conhecedor das intenções da Câmara, o Governo desejou estar presente às manifestações da representação nacional pelo fim das hostilidades na Europa. Não é este o momento para a revisão, que me proponho fazer em breves dias perante a Câmara, dos problemas directa ou indirectamente ligados aos acontecimentos actuais. O meu intento hoje é outro e as minhas palavras serão breves.

Caíu finalmente o pano sobre a tragédia que a Europa representou e viveu na sua carne e no seu espírito durante os últimos seis anos. Nenhuma dor, nenhuma angústia, nenhum mal de quanto a pobre humanidade em séculos de desvario ou de expiação inventou e sofreu lhe foram poupados, a esta mártir, mãe de civilizações: nem conflitos trágicos de conceitos fundamentais da vida dos homens e das sociedades, nem divisões intestinas e lutas fratricidas, nem as maiores aberrações da inteligência e do sentimento, nem destruições ciclópicas de vidas e haveres, de economias e culturas, de cidades e de nações. Tão extensa e profunda foi a tragédia que nem mesmo todos os vencedores — e lembro piedosamente o Presidente Roosevelt — puderam sorrir ao claro sol da sua vitória. A terra está ensopada de sangue e de lágrimas; sofreu-se e sofre-se de mais para que nos entreguemos a ruidosas manifestações de alegria. Contudo, e embora com os olhos embaciados de lágrimas, um íntimo contentamento de alma é justo e devido. Apontarei, resumidamente, os três motivos seguintes.

*

Em primeiro lugar cessar a luta e findarem os horrores que a guerra traz consigo é já de si inestimável bem. A libertação de países tão duramente experimentados e tão dignos na sua provação, a recuperação da sua independência e liberdade de vida, poder-se trabalhar para o bem-estar dos povos e não para o seu aniquilamento, dará por toda a parte a doce sensação de um quebrar de algemas, acordar de pesadelos e renascer para a vida e a felicidade possível. E, embora o futuro se ensombre de grandes preocupações e a obra de reconstrução material e moral se antolhe mais difícil que os trabalhos da mesma guerra, há-de ver-se que é tarefa a realizar em paz e na esperança, só por si bastantes para desoprimir o espírito, aligeirar os corações, tornar mais leve o esforço comum. Bendigamos a Paz!

*

Depois a Providência dispôs em seus altos desígnios que pudéssemos atravessar o conflito sem sermos directa e activamente envolvidos nele e sem nele sacrificarmos mais que dinheiro, esforços, cuidados, algumas privações, o que, sendo muito em si, tudo se deve ter por pouco, em face do que outros houveram de sofrer. (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*) (*Palmas*) Atravessámos incólumes a guerra e, podemos dizê-lo, sem sacrificar nem a dignidade da Nação nem os seus interesses e amizades. (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*) Sempre que foi necessário marcar posições pela palavra ou pelo acto em favor de amigos ou aliados, e fosse qual fosse a sua situação de momento, ou o fizemos espontaneamente ou acorremos de boamente ao seu apelo. (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*) Decerto houve que ter plena consciência das consequências possíveis, mas não exagerámos os riscos para nos desviarmos do dever (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*): aceitámos serenamente e em todas as circunstâncias a parte de sacrifício que pudesse caber-nos. E não temos de medir ou recordar os serviços prestados, porque não são nem depreciados nem esquecidos.

Não lembro neste momento dificuldades vencidas; registo que pôde manter-se a posição sem subserviência para com os poderosos e sem desinteresse, antes com fraternal carinho pelos fracos e pelos oprimidos em demanda de auxílio ou refúgio. E, tendo ficado à margem das grandes paixões que dividiram os povos, pudemos, com o coração isento, debruçar-nos piedosamente sobre todos os sofrimentos, admirar todos os heroísmos, ser compreensivos para todos os erros, sem deixar de ser severos para com todos os crimes. (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*) (*Calorosos aplausos*).

Mais felizes do que aqueles que para perdoar muito terão que esquecer, a nossa missão está simplificada no

mundo que se pretende edificar sobre o respeito do homem, a amigável colaboração das nações, o bem comum da humanidade.

— Bendigamos a Paz! (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*) (*Aclamação*).

*

O terceiro motivo do nosso contentamento está em que a Inglaterra se encontra entre e no primeiro plano das nações vitoriosas. Muitos se ufanarão de o ter lido no livro do futuro com clareza meridiana; eu confesso humildemente que a esperança só se me converteu em certeza ao contemplar um esforço de guerra que, embora dentro das extraordinárias possibilidades do povo britânico, se duvidará de alguma vez ter sido atingido na história da humanidade.

Ninguém entre nós deixou de considerar o interesse nacional solidário da posição da Inglaterra (e até da Comunidade Britânica) tal como resultasse da solução do conflito. Todos podiam notar que a uma visão porventura demasiado continental da Europa estava contraposta a concepção historicamente mais exacta da sua universalidade, e era a todos evidente que a vitória inglesa e dos Estados Unidos da América (em que o Brasil colaborava activamente) teria como resultado arrastar para o Atlântico o centro de gravidade da política internacional, no que importava ao Ocidente. E numa e noutra coisa nós somos interessados. Ora eis que, embora sangrando de inúmeras feridas, a Inglaterra se ergue, de entre grandes ruínas, não só vitoriosa mas invencível; e, tendo consolidado os laços das diversas partes do Império, se pode apresentar no Mundo, e entre os maiores, como verdadeira educadora de povos, mãe e condutora de nações. (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*) (*Entusiásticos aplausos*).

— Bendigamos a Vitória!

*

E calo-me. A verdade é que em hora tão alta e quase sagrada não descobro, não sinto em mim senão um vivo impulso de graças à Providência pela sua misericórdia e de preces por que a sua luz ilumine os homens responsáveis pelos destinos do mundo. (*Vozes: — Muito bem, muito bem!*).

(*Toda a assistência, de pé, ovacionou, largo tempo, o Sr. Presidente do Conselho*).